

DESAFIOS DO EDUCADOR FRENTE A UM NOVO SISTEMA DE ENSINO

SILVA, Luís Artur Janes¹
Universidade Federal de Pelotas
MORAES, Alex Guedes de²
Universidade Federal de Pelotas

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um ensaio teórico que pretende discutir a partir da experiência pessoal, o posicionamento do professor nos dias atuais e suas possíveis atitudes em relação às transformações comportamentais do corpo discente em nossas escolas. Entende-se que, embora tenhamos sido criados intelectualmente num sistema de ensino limitador, é necessário reconhecer nossas limitações para explorar um imenso continente de possibilidades que pode vir a ser cada um de nossos alunos. Afirma-se isso baseado no credo de que não é mais possível permanecer acomodado esperando passivamente o mundo passar diante de nossos olhos.

2 METODOLOGIA

Será feito o levantamento de alguns parâmetros teóricos para a discussão sobre o tema. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica, cuja análise teórica resultará num quadro que mostrará o desenvolvimento do aparelho escolar e do conceito de infância desde os primórdios da Idade Moderna, passando pela juventude pós-moderna, e sua inadequação frente aos parâmetros antigos e ultrapassados que regem grande parte do nosso sistema escolar. Para analisar os fatores acima mencionados, utilizaremos Dornelles (2008) que nos diz que na Idade Moderna, a partir do século XV, é que nasce o sujeito - aprendiz na educação das crianças, o aluno, e que as crianças são separadas dos adultos, enclausuradas em recintos fechados, as escolas. Inicia-se o processo de escolarização que atingirá por fim a infantilização da criança na Idade Moderna, no século XVII, e “que constituirá um novo modo de viver e caracterizar o que é próprio da infância”.

Cabe destacar que para embasar esta discussão e abastecê-la de dados foram aplicados questionários a um grupo de alunos da 5^o série da E. M. E. F Osvado Cruz, localizada nesta cidade de Pelotas. Estes questionários continham perguntas que mapearam as atividades de lazer destes alunos e possíveis ligações que estas atividades teriam com as novas tecnologias digitais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

¹ Aluno do Curso de Especialização em Educação, núcleo de História da Educação e aluno especial do Mestrado em História. Professor da Rede Pública Municipal de Pelotas. E-Mail: artejan25@yahoo.com.br

² Aluno do Curso de Especialização em Educação, núcleo de História da Educação e aluno especial do Mestrado em História. E-mail: alexguedesmoraes@yahoo.com.br

Assim, para lidar com este novo tipo de infância citado acima, foi necessário a criação de regras, tais como: a definição de agentes com formação específica para lidar com crianças, os professores; um estatuto da infância; a escolarização das crianças em lugares fechados e o controle dos saberes necessários a escolarização.

Surgem assim práticas disciplinares segundo Foucault (1999) que servem para controlar as crianças, que também são hierarquizadas e classificadas para canalizar a energia infantil para objetivos “nobres”. A disciplina pedagógica foi organizada no tempo e no espaço para individualizar alunos e expurgar pecados, exigindo a expiação desses pecados continuamente. Outra prática inventada, para o disciplinamento foi o estabelecimento da rotina, que intercala repouso e atividade intelectual visando, sobretudo, evitar atitudes *perniciosas*. Então, separar crianças por idade e sexo era necessário para evitar *contaminação moral*.

Os jesuítas teriam sido os precursores da disciplinarização do ensino, do controle da aprendizagem e do comportamento nas escolas. Isso permitiu que se trabalhasse simultaneamente com todos os alunos de um determinado grupo.

Assim, o espaço escolar ensina, mas controla, hierarquiza, recompensa. “Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 1999, p. 126).

Aparece a ideia do Olho Panóptico que controla todos, sem ser visto (os panópticos atuais seriam espelhos, janelas e portas envidraçadas). As escolas ensinam o conteúdo formal, mas preparam corpos e homens para sociedade, visam à formação física, moral e intelectual do homem, para obter isso, temos a exigência de disciplina e ordem.

As aulas são organizadas para ter um número de alunos que possa ser vigiado. Exige-se disciplina na organização da sala de aula, todos sentados e organizados em filas (hoje, temos os grandes círculos e os pequenos grupos) que embora possam parecer ou significar ausência de controle, para alguns até poderia aumentá-lo, sendo que este ato ficaria disfarçado sob o manto de um pretenso avanço.

A observação dos alunos é feita para aperfeiçoar os métodos avaliativos dos professores. Com essas avaliações, as crianças são individualizadas e os documentos produzidos por estas avaliações são instrumentos para o exercício de poder. Professores anotam as condutas diárias dos alunos para influenciar as ações presentes e futuras destes alunos. A escola infantil tenta normalizar o aluno e excluir quem não estiver dentro do modelo estabelecido (palavras mágicas para começarmos a entrar no misterioso mundo dos alunos hodiernos). A escola seria um grande olho panóptico, restringindo o espaço e o tempo dos estudantes. A partir do século XVII, recomenda-se evitar mimar as crianças para acostumá-las a seriedade, e deve-se torná-la recatada e modesta, deve-se evitar tratá-la de forma familiar na escola, exige-se uma frieza maior no tratamento.

As escolas tornam a criança alvo de extrema vigilância, e com o passar do tempo a vigilância se dá de forma mais sutil. No século XIX a escola torna-se local central da educação e aprendizagem, e a família alia-se a esta instituição para produzir uma educação adequada aos filhos. A escola recebe a missão de educar e formar as crianças, atividade que antes era feita pelas famílias.

Assim chegamos a Pós-Modernidade que enxerga muitas infâncias, diferente da modernidade ocidental, que universalizou uma infância, deixando de lado a diversidade, esquecendo as mudanças econômicas, sociais, familiares e

eletrônicas e as informações do mundo globalizado que criam novos modos de ser infantil.

E dentre os vários tipos de infância vale destacar a Infância Ninja, que seria aquela onde as crianças criadas fora do mundo digital e do consumo, estariam marginalizadas. Para possibilitar o estabelecimento de um paralelo histórico adequado dentro do contexto que ora analisamos, pode-se dizer que a Infância Ninja, do século XVIII, era vivida pelas crianças abandonadas na Roda dos Expostos. “No que se refere à produção das meninas ninjas, ou seja, as meninas pobres ou abandonadas, a preocupação das rodeiras era para com a preservação de sua honra e castidade” (DORNELLES, 2008, p. 75).

A infância digital

Depois desta viagem através do tempo, chegamos aos dias atuais, onde um dos pontos nodais da educação está na questão de como desvendar o misterioso mundo das crianças altamente envolvidas pelas modernas tecnologias digitais, e que estas crianças assustam tanto os adultos quanto a infância ninja, pois igualmente parecem prescindir da orientação dos adultos para “deslocar-se” no seu mundo particular.

Cyber crianças consideradas anormais pedem um aprofundamento nos estudos sobre os efeitos que a tecnologia causa na juventude por ela atingida. “Pensar acerca da cyber-infância no pós-modernismo é pensar problematizando os efeitos dos fenômenos intelectuais e culturais que afetam as infâncias atuais”(DORNELLES, 2008, p. 79).

Atualmente, o quarto das crianças é uma sala informatizada, puro espanto para o adulto criado no ambiente educacional do modernismo, que considerava o mundo infantil ingênuo e passível de proteção. A geração atual, informatizada, enxerga seu tempo e sua obsolescência acelerar-se. Afinal, estaríamos vivendo uma era sem perspectivas que afetaria os discursos e narrativas sobre as infâncias?

A infância hiper-realizada reina sobre todas as novas tecnologias. A cyber-infância está além do espaço escolar. A interação da criança com as novas tecnologias permite que ela permaneça ativa e tenha novas formas de produzir intelectualmente. Os videogames falam de histórias não apenas contadas, mas vividas. Jogos eletrônicos imitam a realidade. A atividade dos games é interativa, proporcionando experiências cada vez mais realistas e intensas. Os novos espaços de convivência seriam as lan-houses.

E o mais assustador disso tudo é que as crianças pós-modernas possuem um poder só delas e que se deve ao fato de dominarem tecnologias que os adultos, entre eles a imensa maioria dos professores, não alcançam.

O desafio dos mestres, na contemporaneidade, está em como agir com as crianças, que parecem viver numa outra realidade, definida por novas formas de disciplinamento, adequação ao grupo em que estão, consumo de produtos maciçamente veiculados pela mídia, interação instantânea com o mundo e sociabilização virtual.

Embora Baudrillard (1997 apud DORNELLES, 2008, p. 87) diga que esta conexão não é fator de união global e sim de fragmentação e dispersão, ela permite interação entre o global e o local. As crianças cyber escapam aos adultos (notadamente professores) e seus controles (envelhecidos) por terem acesso a

conhecimentos que antes estariam restritos ao mundo certinho e organizado dos adultos, típico da Era Moderna.

As escolas temem permitir o uso de recursos eletrônicos para não arriscar perder uma pretensa seriedade. Assim investem na criação do estereótipo de que toda criança “digitalizada” pode ser um vilão em potencial, influenciada por uma satânica tecnologia. A elaboração destes estratagemas explicativos serve para mostrar o medo que os adultos, sobretudo alguns professores, sentem destas crianças.

4 CONCLUSÕES

Para arrematar este trabalho, é necessário dizer que um dos possíveis responsáveis por este comportamento dito “anormal” ou diferente dos nossos jovens aprendizes é o sistema educacional inventado pelo adulto. E uma possibilidade que pode ajudar na confirmação desta teoria está no pequeno histórico “evolutivo” mostrado, onde uma educação repressora, ordenada e guiada por objetivos muitas vezes alheios a vontade dos principais beneficiários deste sistema, pode ter resultado na inadequação destes beneficiários e no conseqüente apego que demonstram frente ao novo mundo digital, antípoda ao sistema de seus predecessores.

Assim, os professores mostram-se assustados, incapazes de esboçar qualquer reação frente aos seus pupilos, tornam-se elementos fáceis de ludibriar por uma avalanche de conhecimentos que o aluno de décadas passadas não possuía. Este sentimento de “inferioridade” do professor pode tornar-se rapidamente desmotivação e acabar com qualquer possibilidade de uma boa aula e implodir uma carreira. Aos mestres perdidos na selva digital nos resta trazer conceitos emitidos por Gamba Jr e Souza (2002) que falam sobre a necessidade de compreendermos que a revolução tecnológica está colocando os professores, diante do surgimento de outra cultura, que exige uma adaptação nos modos de ver, ler, pensar e aprender, e o essencial: ensinar. Ainda utilizando estes autores, cabe destacar a importância que a incorporação de novos hábitos de produção de conhecimento (entre eles os meios digitais) deve ter para os professores, sob pena de ficarem altamente defasados.

5 REFERÊNCIAS

- DORNELLES, Leni. **Infâncias que nos escapam**. 2º Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GAMBA JR, Nilton; SOUZA, Solange Jobim. **Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, nº 21, p. 104-114, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org/rbe/rbedigital/RBDE21_10_SOLANGE_JOBIM_E_SOUZA_NILTON_GAMBA_JR.pdf> Acesso em: 16 de agosto de 2010.